

O IDOSO NO ENSINO SUPERIOR: ressignificando histórias de vida¹

ELDERLY PEOPLE AT HIGHER EDUCATION:
reframing life stories

Ana Paula Tessaro ⁱ

RESUMO: O estudo analisa a inclusão de idosos nos cursos de graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop, e sua contribuição para a qualidade de vida. Com base em legislações educacionais e autores como Paulo Freire, Edgar Morin e Demerval Saviani, adota abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas. Identifica motivações, desafios e benefícios da vivência acadêmica. Os resultados apontam apropriação de saberes, fortalecimento de vínculos sociais e ressignificação identitária. Conclui que a educação superior representa instrumento de transformação social e bem-estar, reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas à inclusão educacional dessa faixa etária.

Palavras-chave: Inclusão. Educação superior. Qualidade de vida. Transformação social.

ABSTRACT²: This study analyzes the inclusion of elderly people in undergraduate courses at the Mato Grosso State University, Campus of Sinop city, and its contribution to their life quality. Based on educational laws and authors such as Paulo Freire, Edgar Morin, and Demerval Saviani, it adopts a qualitative approach through semi-structured interviews. It is identified the motivations, challenges, and benefits of the academic experience. The results

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O IDOSO NO ENSINO SUPERIOR: ressignificando histórias de vida, sob a orientação da Profa. Dra. Lenita Maria Korbis - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2025/2.

² Professora Mestra Betsemens Barboza de Sousa. Graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT Campus de Sinop(2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMT Cuiabá (2015). Doutoranda em Letras pelo PPGLetras da UNEMAT Campus de Sinop (2025). <http://lattes.cnpq.br/530243850837994>; teacherbettybarboza@gmail.com.



point out the knowledge appropriation, the social bonds strengthening and the identity reframing. It concludes that higher education represents an instrument of social transformation and well-being, reinforcing the need for public policies aimed at the educational inclusion of this age group.

Keywords: Inclusion. Higher Education. Life quality. Social transformation.

1 INTRODUÇÃO

O artigo analisa como a inclusão e a participação de pessoas idosas na vida acadêmica contribuem para a melhoria da qualidade de vida, com foco nos cursos de Graduação oferecidos pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. A justificativa do estudo está fundamentada na necessidade de compreender como a educação superior pode atender, com qualidade e equidade, às demandas específicas dessa população, diante do crescimento expressivo do número de idosos no Brasil e da importância da educação ao longo da vida.

O problema de pesquisa consiste em investigar quais são as perspectivas, os benefícios específicos e os desafios enfrentados por pessoas idosas ao ingressarem em cursos de graduação, bem como compreender a visão que possuem sobre a Universidade no cenário atual e os reflexos dessa vivência em sua qualidade de vida. Para responder a essas questões, o estudo estabelece como objetivo geral analisar o papel da educação e da Universidade na vida de pessoas idosas. Entre os objetivos específicos, busca averiguar o processo de ingresso no ensino superior, examinar as condições institucionais de acolhimento e identificar as motivações, os desafios e as expectativas dos acadêmicos idosos.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e questionários aos estudantes idosos da Universidade do Estado do Mato Grosso. Os resultados evidenciam a relevância da educação superior como instrumento de inclusão social, valorização pessoal e promoção do envelhecimento ativo, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas à melhoria da qualidade de vida dessa parcela da população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao ressaltar sobre a inquietude de Morin: “À pergunta: ‘quantos anos você tem?’, dever-se-ia poder responder exatamente: ‘Tenho todas idades da vida humana’. De fato, cada um de nós, com a idade, conserva as idades precedentes” (2001, p. 254-255). Morin problematiza que o tempo vivido não representa um tempo fixado, cronometrado. O tempo vivido representa tempo existencial, tempo do fazejamento humano, como Freire situa.

A partir das relações que o homem estabelece com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, ele dinamiza o seu

mundo. Ele domina a realidade. Ele a humaniza. Ele acrescenta a ela algo de que ele mesmo se faz fazedor. Ele temporaliza os espaços geográficos. Ele faz cultura. E ainda o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, ele conforma as épocas históricas (1967, p. 43).

Para Freire, a existência humana media a criação e recriação, porque constitui história de humanização, portanto, história do sujeito que faz o tempo do fazejamento humano: temporalidade humana.

Ao tratar da temporalidade humana, cabe situar sua posição temporal e não determinar sua independência das relações sociais e políticas vivenciadas. Nessa medida, ao referir o tempo cronológico, apenas se situa sua posição e não se estabelece seu fechamento factual.

A compreensão do tempo como fenômeno dinâmico conduz à reflexão sobre as mudanças demográficas que o Brasil experimenta. Entre os anos de 2010 a 2022, o índice de envelhecimento da população brasileira passou de 30,7 para 55,2. Calcula-se esse índice pela razão entre o grupo de pessoas de 65 anos ou mais em relação à população de 0 a 14 anos. Esse aumento significativo indica transformação demográfica relevante, onde, em 2022, existiam 55,2 idosos para cada 100 crianças nessa faixa etária (Brasil, 2022).

Particularmente nos municípios menos populosos, com até 5.000 habitantes, os índices de envelhecimento se mostram ainda mais acentuados, apresentando proporção média de 76,2 idosos para cada 100 crianças. Em contrapartida, os municípios com mais de 500.000 habitantes apresentam o segundo maior valor do índice, com 63,9 pessoas de 65 anos ou mais para cada 100 indivíduos da faixa etária de 0 a 14 anos (Brasil, 2022).

O envelhecimento populacional no Brasil decorre de avanços sanitários, melhorias na saúde pública, maior inserção feminina no mercado de trabalho e uso de métodos contraceptivos, fatores que ampliam a longevidade (Brasil, 2022).

Essa tendência, que deve se intensificar nas próximas décadas, impõe transformações sociais e econômicas, exigindo a valorização da velhice como fase de oportunidades e não de perdas. Nesse contexto, torna-se essencial garantir o respeito aos direitos dos idosos, com destaque para o acesso à educação ao longo da vida, conforme assegura a Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 14.423, que institui o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022; Vitorino, 2020).

Dados do Censo da Educação Superior de 2020 indicam crescimento na participação de idosos no ensino superior. Das 8,6 milhões de matrículas registradas, 1,2 milhão foram de concluintes (MEC, 2020). Entre os 4,3 milhões de candidatos confirmados no Exame Nacional do Ensino Médio, quase 10 mil (0,23%) tinham mais de 60 anos, o maior número da série histórica desde 2020 (Inep; MEC, 2020). Esses dados evidenciam o avanço da presença da terceira idade nas universidades e reforçam a importância de políticas públicas inclusivas voltadas a esse público.

No Brasil, existem 18,9 mil universitários com idades entre 60 e 64 anos. Na faixa etária acima dos 65 anos, esse número corresponde a 7,8 mil pessoas. No entanto, muitos conseguem acessar o tão sonhado diploma universitário apenas na velhice. Mesmo que não exerçam atividade profissional, buscam a universidade pelo prazer, mérito e reconhecimento de concluir o ensino superior, algo ainda indisponível para todos os indivíduos. Diversos estudos discutem a importância da educação para o desenvolvimento do bem-estar dos idosos.

A falta de escolarização causa grande prejuízo ao desenvolvimento dessas pessoas. A escolarização favorece a situação econômica e fornece recursos para que o indivíduo se prepare melhor para envelhecer e compense as perdas decorrentes do processo. Torna-se imprescindível implementar políticas de educação que beneficiem os adultos que não tiveram acesso à escola e que evitem que outras pessoas enfrentem a mesma situação no futuro (Silva; Günther, 2000, p. 38).

Segundo Oliveira et al. (2016), no Brasil, ainda se observa dificuldade para o idoso ingressar no ensino superior, mesmo com o aumento das taxas e a presença mais frequente da figura do longevo nas universidades do país. Essa dificuldade decorre da oferta de oportunidades muito distintas daquelas que esse público busca. Identifica-se a existência de cursos livres e programas voltados às questões culturais, sociais e de saúde, específicos para idosos, promovidos por universidades públicas estaduais e federais, além de instituições privadas, denominadas “Universidades Abertas à Terceira Idade”.

A qualidade de vida dos idosos mantém relação direta com suas condições emocionais, sociais e físicas. Nesse cenário, a inserção da pessoa idosa no ensino superior revela-se essencial. O acesso a novos conhecimentos e realidades, a convivência com diferentes grupos sociais e a formação de novas amizades, somados ao contexto familiar, ampliam sua perspectiva de vida. A participação no ambiente acadêmico proporciona renovação do sentido de existência, tornando-os mais ativos, engajados e com maior vitalidade. A concepção de universidade apresentada por Darcy Ribeiro ressalta necessidade de uma instituição comprometida com a realidade social e cultural do país. Ele afirma que:

A universidade necessária é a universidade moderna, pela sua estrutura e pelos seus objetivos, mas é, sobretudo, a universidade das múltiplas e variadas culturas nacionais do mundo latino-americano, proposta à sua crítica e constante reformulação” (Ribeiro, 1978, p. 16).

Essa visão reforça a importância de uma universidade que não apenas reproduza modelos estrangeiros, mas que dialogue com as especificidades locais, promovendo a inclusão de sujeitos historicamente marginalizados, como os idosos.

A presença de idosos no ensino superior rompe com paradigmas tradicionais que associam a educação formal exclusivamente à juventude.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa seguiu abordagem qualitativa, com base em Triviños, Severino, Andrade e Brandão, priorizando a compreensão das vivências dos sujeitos. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro idosos de 60 anos para mais, da Universidade do Estado de Mato Grosso em Sinop no ano de 2024, visando identificar motivações para o ingresso no ensino superior e os impactos na autonomia, interação social e qualidade de vida.

A análise foi conduzida com base nas entrevistas e observações, articuladas às referências teóricas, culminando nas considerações finais sobre o fenômeno estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos idosos da Universidade Estadual do Mato Grosso, campus de Sinop, permitiu identificar diferentes experiências e percepções sobre a educação superior. As respostas foram organizadas em categorias temáticas, possibilitando uma análise mais clara dos desafios e conquistas vivenciados por esse grupo.

4.1 Trajetória de Vida e Profissional

A análise das narrativas dos participantes revela uma rica diversidade nas trajetórias de vida e profissional, marcadas por longos períodos de atividades laborais antes do ingresso ou retorno ao ensino superior na maturidade.

O Entrevistado A, com 65 anos, relata uma carreira multifacetada. Ele abrangeu posições de gerência em diferentes empresas (Rei dos Rádios, Cobal, Dermat) e atuou no setor público como professor estadual, indicando que buscou continuamente diferentes experiências profissionais ao longo da vida. Ele afirma: “Eu tenho 65 anos, casado, 03 filhos e 07 netos. Trabalhei na Rei dos Rádios, na gerência central da Cobal, no Dermat, na companhia de diamante e ouro, como professor no Estado, entre outras atividades.” (Entrevistado A, 2025).

Essa pluralidade contrasta com a trajetória da Entrevistada B, cuja identidade profissional se consolidou fortemente em torno do comércio (vendedora de tecidos) e da costura. Ela exerceu atividades que lhe proporcionaram não apenas sustento financeiro, mas também satisfação pessoal e interação social. Ela relata:

Nasci no Paraná numa cidade pequena. Vim de uma família humilde, onde meu pai trabalhava como comprador de ferro velho, onde cresci trabalhando junto. Aos 17 anos comecei a trabalhar como vendedora numa loja de tecidos, gostei muito, pois tecido era o meu forte, porque gostava muito de costura, e hoje sou costureira. Como profissional sempre fui muito dedicada no que faço.” (Entrevistada B, 2025).

A Entrevistada C apresenta uma ligação mais direta e precoce com a área da educação, mesmo antes da qualificação formal, sugerindo que demonstrou vocação ou interesse prévio que agora busca consolidar academicamente. Ela afirma:

Eu ainda estou cursando, parei o curso e só agora, em 2025, retorno à faculdade. (Entrevistada C, 2025).

A Entrevistada D relata uma história marcada pelo trabalho árduo desde a infância. Ela iniciou aos 7 anos, ajudando a avó lavadeira e, posteriormente, dedicou-se à agricultura (“trabalhei na roça até casar”). Sua narrativa evidencia que iniciou a vida laboral muito cedo e centrou suas atividades em tarefas braçais, com mudanças geográficas (Paraná, Pontes e Lacerda, Sinop, São Paulo) que também refletiram diferentes fases de trabalho, majoritariamente rural. Ela conta:

Eu comecei a trabalhar com 7 anos, eu ficava com a minha vó, ela era lavadeira para fora, desde então eu a ajudava. Daí cresci e fui morar com meus pais, trabalhei na roça. Trabalhei na roça até casar. Casei com 17 anos, tive um sítio e fiquei na roça até 2007. Depois vim pra cidade em Pontes e Lacerda, fiquei um tempo, mas sempre trabalhando na roça. Vim pra Sinop em 2010, depois fui pra São Paulo (2017), eu não consegui ficar lá em São Paulo, por causa do frio, não acostumava. (Entrevistada D, 2025).

O trabalho ocupou papel central na trajetória dos entrevistados, moldando suas identidades antes do ingresso no ensino superior. Muitos dedicaram décadas à atividade laboral, adiando a formação educacional formal, o que reflete o histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil como resposta a lacunas sociais. Essa realidade dialoga com a perspectiva de Saviani, que reconhece o trabalho como princípio educativo. As narrativas, especialmente da Entrevistada D, evidenciam como as exigências da vida profissional influenciaram o acesso tardio à escolarização.

4.2 Relação com o Trabalho – Educação e Significado de Ensino Superior

A percepção sobre a interligação entre trabalho e educação varia entre os entrevistados, embora todos reconheçam a importância fundamental da educação.

O Entrevistado A articula essa relação de forma realista. Ele considera o trabalho como uma "necessidade" e o estudo como "essencial", sugerindo uma visão em que a educação transcende a mera instrumentalização para o mercado, sendo um valor intrínseco. Em sua afirmação, diz que:

O trabalho sempre foi necessário e o estudo essencial." (Entrevistado A, 2025)

Essa visão é corroborada pela Entrevistada B. Ela afirma que o trabalho e o estudo andam juntos, um complementa o outro", indicando uma compreensão da educação como um fator que enriquece a prática profissional e a vida social, permitindo "interagir melhor na sociedade". Declara: "Eu acredito que o trabalho e o estudo andam juntos, um complementa o outro." (Entrevistada B, 2025)

A Entrevistada C, cuja trajetória já se inclinava para a área, representa a educação como a realização de um "desejo" e um caminho para a felicidade profissional. Afirma: "Educação sempre foi o meu desejo e trabalhar na educação me deixa muito feliz." (Entrevistada C, 2025)

A Entrevistada D expressa a educação como "tudo", como "a minha vida", uma afirmação carregada de emoção que ressalta o profundo significado transformador que a experiência educacional adquire para ela, especialmente em contraste com uma vida prévia de oportunidades limitadas.

No que tange ao significado de cursar o ensino superior na maturidade, as respostas também revelam nuances importantes. O Entrevistado A, que já possui outras graduações (Pedagogia e Direito), retorna à universidade e representa a concretização de uma "meta" e o aproveitamento de uma "oportunidade" para adquirir novos conhecimentos, neste caso, em Letras, complementando sua formação anterior, relata:

Cursar uma graduação sempre foi uma meta e quando a oportunidade aparece temos que aproveitar. Quando já casado, cursei Pedagogia, depois Direito e agora Letras (Entrevistado A, 2025).

A Entrevistada B vê o curso superior como um meio para obter "um conhecimento a mais" e melhorar a interação social. A entrevistada C percebe o curso como a realização de um "sonho" e uma "oportunidade" gratificante. Ressalta que: "Um curso superior pra mim significa oportunidade e um sonho realizado, muito gratificante." (Entrevistada C, 2025).

A narrativa da Entrevistada D é particularmente potente ao descrever o ingresso na faculdade como um marco divisor de águas. Ela afirma:

Eu comecei a viver depois que entrei nessa faculdade, hoje eu falo que tô vendo a vida de outro jeito, aquela vida que estava lá atrás ficou, minha vida começou agora.

Para ela, o ensino superior não representa apenas uma qualificação, mas uma redescoberta da vida, uma superação de dificuldades passadas (problemas de saúde, limitações impostas pelo marido, experiências anteriores na EJA consideradas insuficientes) e a afirmação de sua força pessoal (“os fortes não desistem”). Essa visão do ensino superior como um espaço de transformação pessoal e ressignificação da própria história constitui um elemento central em sua experiência, conforme relato abaixo:

Eu comecei a viver depois que entrei nessa faculdade, hoje eu falo que tô vendo a vida de outro jeito, aquela vida que estava lá atrás ficou, minha vida começou agora. Não sei até quando Deus vai me dar a graça de viver, mas enquanto eu tiver aí eu tô batalhando. Eu sei que não tá sendo fácil, não vai ser, mas nada é impossível pra quem quer. Quem quer acha jeito, quem não quer acha desculpa. Quando comecei a estudar em 2007, eu falei pra professora: é muito difícil. Eu tinha muitos problemas de saúde, meu marido me levava, mas tinha dia que ele não podia. Eu tenho muito problema nas pernas, não podia andar.” (Entrevistada D, 2025).

A análise das falas dos participantes revela que o ensino superior, na maturidade, assume um papel que ultrapassa a qualificação profissional. Os entrevistados atribuem à educação o poder de realizar sonhos, ampliar a interação social e promover transformação pessoal. Essa percepção dialoga com a perspectiva freiriana, que entende a educação como prática da liberdade e reposicionamento crítico diante da realidade.

4.3 Motivação para retornar aos estudos

Os entrevistados revelam motivações diversas para retornar ao ensino superior na maturidade. O Entrevistado A aproveita o tempo da aposentadoria para buscar novos conhecimentos, inspirado pela esposa. A Entrevistada B decide ingressar após uma conversa casual com uma professora, movida pelo desejo de aprender e conhecer pessoas. A Entrevistada C retoma um projeto antigo, impulsionada pela exigência de qualificação profissional. A Entrevistada D adia os estudos para cuidar da neta, mas retorna com apoio das filhas, superando críticas familiares.

Essas trajetórias refletem a busca por realização pessoal, superação de limites e ressignificação da identidade, em consonância com a literatura que aponta o ensino superior como espaço de autoestima, inclusão e renovação na terceira idade.

4.4 Escolha do Curso e Instituição Universidade do Estado de Mato Grosso

A escolha da Universidade do Estado de Mato Grosso e do curso específico pelos entrevistados apresenta uma combinação de fatores práticos, oportunidades e afinidades pessoais.

O Entrevistado A toma a decisão pela Universidade do Estado de Mato Grosso de forma estratégica. Ele considera a natureza pública e a qualidade percebida da instituição, além da conveniência da proximidade geográfica ("próxima de casa"). Ele vê o curso de Letras como complementar à sua formação anterior em Direito, buscando ampliar seu espectro de conhecimentos. Afirma:

Primeiro porque a UNEMAT é uma instituição pública e de qualidade. Depois porque está próxima de casa e o curso de Letras para complementar meus conhecimentos na área de Direito. (Entrevistado A, 2025).

A Entrevistada B relata uma escolha mais ocasional em relação ao curso. Ela se motiva pela disponibilidade de vagas ("estava sobrando vagas") em uma chamada específica da Universidade do Estado de Mato Grosso. Ela considera a qualidade da Universidade, mas a escolha do curso ocorre como consequência da oportunidade de ingressar no ensino superior público, assim revela que:

Não foi escolha, a UNEMAT oferecia curso que queria, e tinha uma chamada para fazer a matrícula, pois estava sobrando vagas. É uma universidade de qualidade e a melhor opção de curso, e estou aqui (Entrevistada B, 2025).

A Entrevistada C demonstra forte vínculo identitário com o estado. Ela mora há longa data ("desde 1986, amo o Mato Grosso") e direciona sua decisão para a Universidade local, onde o curso desejado é oferecido. Ela não vê razão para buscar formação em outro estado. Portanto, afirma que:

Porque eu sou moradora do Mato Grosso desde 1986, amo o Mato Grosso e o curso que escolhi está aqui na universidade. Não tinha razão para ir fazer em outro estado. (Entrevistada C, 2025).

A Entrevistada D destaca a Universidade do Estado de Mato Grosso como a "única" oportunidade viável, principalmente por questões financeiras. Ela considera a gratuidade da instituição pública como decisiva e intitula a Universidade como uma "porta que abriu", uma chance única de acesso ao ensino superior que não poderia recusar. Ela expressa profundo sentimento de gratidão e pertencimento à instituição que lhe oferece essa possibilidade.

Porque foi a única que me deu oportunidade, pagar eu não ia conseguir, sou aposentada, ganho salarinho né. Essa aqui foi uma porta que abriu pra mim. Nossa, essa faculdade é a minha vida, ela me aceitou, me incluiu, e quando vi essa porta aberta eu ia deixar de entrar? Não né? (Entrevistada D, 2025).

A importância da educação pública como espaço de acesso ao conhecimento sistematizado constitui um ponto central na pedagogia histórico-crítica. Saviani defende que uma das funções essenciais da escola consiste em possibilitar o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade e organizados de forma sistemática, algo que, para a Entrevistada D, só se torna concretamente acessível por meio da Universidade pública. Os entrevistados descrevem a vivência no ambiente universitário como positiva, embora enfrentem desafios e façam observações críticas.

O Entrevistado A relata que aprecia a experiência, destaca a formação de novas amizades e reconhece a qualidade dos professores. Ele critica os colegas mais jovens, observa neles falta de interesse e compromisso, o que sugere um possível choque de gerações ou diferentes expectativas quanto ao engajamento acadêmico.

Gosto muito, porque fiz novas amizades e temos excelentes professores. O que me chama a atenção é a falta de interesse e compromisso dos colegas mais jovens. (Entrevistado A, 2025).

A Entrevistada B descreve a experiência com entusiasmo. Ela sente-se viva, capaz de pensar e resolver problemas, e ressalta o carinho recebido de professores e colegas. Ela percebe a receptividade como acolhedora, o que contribui para sua adaptação e bem-estar. Ao se deparar com temas novos, demonstra surpresa e entusiasmo com a descoberta intelectual proporcionada pela universidade.

Senti que eu estou viva, que eu posso pensar e resolver as coisas. O que me chama a atenção é o carinho de todos para comigo, os colegas e os professores, parece que são da minha família. Me sinto respeitada. Estou muito feliz em aprender coisas novas, coisas que nunca tinha ouvido falar (Entrevistada B, 2025).

A Entrevistada C também avalia positivamente o aprendizado e a interação com profissionais e acadêmicos. Ela destaca o carinho especial recebido e descreve a convivência como normal e a interação como muito boa.

Eu tenho aprendido a cada dia com os profissionais da universidade. O que me chama a atenção são as pessoas, entre acadêmicos e profissionais, com o carinho especial que recebo de cada um. Muito gratificante. (Entrevistada C, 2025).

A Entrevistada D relata um processo de adaptação mais complexo. Ela reconhece que aprende muito e elogia os professores como “maravilhosos”. No entanto, menciona dificuldades com cálculos e a necessidade de buscar apoio dos colegas e professores particulares. Inicialmente, ela percebe

rejeição por parte dos colegas, que riram e duvidaram de sua presença na universidade. Com o tempo, ela observa mudança de atitude, quando os colegas passam a reconhecer sua capacidade e a acolhê-la.

Tenho aprendido muito. O que está mais difícil são os cálculos, pois a gente não aprende esses cálculos. Mas os colegas estão me ajudando e estamos vendo um professor para nos ensinar. Todos os colegas me receberam e acolheram bem. Os professores são maravilhosos. Mas, quando entrei, os colegas começaram a dar risada baixinho, sabe, rindo, tirando sarro: ‘o que essa velha veio fazer aqui?’ Mal eles sabem que eu sei muito mais do que eles. Por menos que eu sei, eu sei mais do que eles. Eles dominam o computador, eu não. Na minha época não tinha isso, eu não tinha acesso. No início, eu senti uma rejeição, mas depois que eles viram que não era do jeito que estavam pensando, que eu não era uma velha boba, aí agora todo mundo me cumprimenta: é fulana pra cá, fulana pra lá.’ (Entrevistada D, 2025).

A experiência universitária dos entrevistados revela que, apesar dos desafios do preconceito etário e das dificuldades de adaptação, como o uso da tecnologia e conteúdos específicos, eles superam essas barreiras por meio da convivência e do reconhecimento mútuo. O entusiasmo da Entrevistada B e os ganhos na saúde da Entrevistada D evidenciam os efeitos positivos do aprendizado contínuo na vitalidade e no bem-estar. A literatura reforça que a interação intergeracional e o apoio dos professores são fundamentais para uma trajetória acadêmica bem-sucedida.

4.5 Expectativas da Formação na Vida

A expectativa em relação à formação superior na maturidade revela uma diversidade de perspectivas que refletem as experiências de vida, aspirações e contextos individuais dos entrevistados.

O Entrevistado A apresenta um objetivo bem definido. Ele estabelece como meta concluir a graduação, o que ressoa com a ideia de educação como processo contínuo, em que o aprendizado se expande além da sala de aula, conforme discutido por Lourenço (2016), que destaca a importância da teoria de Vygotsky na educação, enfatizando a construção do conhecimento como processo social.

Em contraste, a Entrevistada B expressa uma busca por objetivos ainda em formação. Ela descreve sua trajetória como processo de descoberta e destaca a expectativa de ampliar conhecimentos e amizades, valorizando as relações interpessoais no ambiente universitário. Essa visão está alinhada com a teoria de Vygotsky, citada por Gonçalves (2019), que enfatiza a interação social como motor essencial para o aprendizado e crescimento. A possibilidade de se sentir “realizada, feliz e completa” reflete sua busca por satisfação pessoal que transcende o ato de obter um diploma.

A Entrevistada C adota uma abordagem voltada para o futuro. Ela estabelece metas profissionais concretas e reconhece o curso como realização de um sonho, com grande expectativa de concluir a formação e se qualificar ainda mais. Essa perspectiva é comum entre estudantes que veem a graduação como passo essencial para a mobilidade social e profissional, conforme aponta Silva

(2018), ao discutir como o capital cultural influencia o acesso à educação. A expectativa de ser uma “profissional recém-formada, com muito que aprender” indica abertura para novas experiências, essencial em um mercado de trabalho em constante mudança. Afirma:

Me vejo uma profissional recém-formada, com muito que aprender. Como já mencionado, esse curso representa muito para mim, um sonho que está se realizando. A expectativa é grande em concluir o curso e me qualificar ainda mais. (Entrevistada C, 2025).

Com uma visão mais focada no presente, a Entrevistada D expressa a intenção de se formar e concluir a graduação, evitando criar expectativas grandes para o futuro. Ela antecipa com entusiasmo o momento da formatura, reconhece os benefícios da vida acadêmica para sua saúde e revela paixão pela engenharia, mesmo sem definir a especialidade, afirma que:

Eu me vejo pegando o canudo com todos os meus colegas. Não crio expectativas grandes, pois vou fazer 65 em julho, e como disse, não sei como vou estar daqui 5 anos, vou estar com 70. Vivo um dia de cada vez, mas depois que entrei na universidade minha saúde mudou. Vivia tomando remédio, ia na academia e vivia com dor. Depois que entrei aqui, sarei. Eu ficava muito nervosa com qualquer coisa. Hoje eu chego em casa e fico estudando. Se acredita que até esqueço que tenho dor? Hoje não tenho mais dor. Mudei o foco. Hoje o foco é estudar. Eu quero ser engenheira. Não sei que especialidade vou seguir, mas eu gosto de concreto. Acho que vou por aí. Quero trabalhar na concretagem. (Entrevistada D, 2025).

Essa perspectiva revela que, mesmo conscientes das limitações da idade, os entrevistados mantêm otimismo e determinação, encontrando na educação uma fonte de revitalização pessoal. A experiência universitária, especialmente para a Entrevistada D, impacta positivamente sua saúde e bem-estar, reforçando que o ambiente acadêmico pode promover não apenas crescimento intelectual, mas também melhorias na saúde mental, emocional e na qualidade de vida, conforme apontam estudos como os de Araújo (2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências dos alunos idosos da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Sinop, revela que a educação na terceira idade vai além do desejo pessoal, representando uma necessidade em um país que envelhece rapidamente, assim como afirma os dados do (IBGE).

Os entrevistados demonstram vitalidade, desejo de realização e transformação pessoal, como no caso da Entrevistada D, que associa a universidade à redescoberta de si mesma. A educação surge como ferramenta essencial para promover autonomia, bem-estar e inclusão social, reafirmando o direito ao aprendizado contínuo em todas as fases da vida.

Diante desse cenário, torna-se urgente a criação de políticas públicas que ampliem o acesso dos idosos à educação superior, promovam a saúde e incentivem a convivência intergeracional.

As universidades devem investir em programas de apoio, parcerias com instituições de saúde e ações que valorizem o envelhecimento ativo. A educação de idosos, portanto, não representa apenas uma extensão do processo educacional, mas uma oportunidade de transformação social, capaz de fortalecer identidades e enriquecer a comunidade acadêmica com experiências que transcendem gerações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. A Interação Social e o Aprendizado: Vygotsky e as Novas Tecnologias. *Educação e Tecnologia*, 14(2), 201-216, 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Censo da Educação Superior. Brasília, DF, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acesso em: 5 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 10 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONÇALVES, J.E. P.; ARAGÃO, Patrícia Cristina de. História e memória de idosos: educar para um envelhecimento saudável no espaço da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). Anais [...]. VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estimativas para 1º de julho de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/estimativa.shtm>. Acesso em: 5 nov. 2023.

INSTITUTO DE PÓS-GRADUAÇÃO E GRADUAÇÃO (IPOG). Por que mais idosos estão fazendo faculdade no Brasil? Blog IPOG, 2024. Disponível em: IPOG. Acesso em: 3 fev. 2025.

LOURENÇO, L. A Construção do Conhecimento: A Teoria de Vygotsky e suas Implicações na Educação. *Revista Brasileira de Educação*, 21(62), 243-260, 2016.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. A educação na terceira idade: conhecimentos a partir da análise das produções (2003-2013). Anais da ANPED Sul, 2016.

RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro. Depoimento, 1978. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010.

SEVERINO. A.J. Metodologia do trabalho Científico. 20 ed. rev. e ampli. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, I. R.; GÜNTHER, I. A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. Psicologia: Teoria e Pesquisa , v.16, n. 1, p. 31-40, jan./abr. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000100005>. Acesso em: fev.2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

VITORINO, Gilvana Mendes de Oliveira. Integração do idoso na era da informática. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 236–246, 2020. DOI: 10.30681/repos.v11i2.10310.

Recebido em: 20 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/repos.v16i3.14742>

¹ Ana Paula Tessaro. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/2 Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2473911609944557>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4070-5936>

E-mail: ana.tessaro@unemat.br